

Willys

Serpa e Cordeiro — Almir Mavignier (Rio de Janeiro RJ 1925-), Hermelindo Fiaminghi (São Paulo SP 1920-), Kazmer Fejer (Pecs, Hungria 1922-), Lothar Charoux (Viena, Austria 1912-), Mauricio Nogueira Lima (Recife PE 1930-), Luis Sacilotto (Santo André SP 1924-), Ligia Clark, Aluisio Carvão (Belém PA 1918-), Amílcar de Castro, Hélio Oiticica, Franz Weissmann e Ligia Pape (Nova Friburgo RJ 1929-) — é preciso destacar o trabalho, até como estímulo teórico, dos poetas Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari e Ferreira Gullar; o crítico Mário Pedrosa desempenha também função de teórico no movimento, ligando-se depois a Gullar na cisão de que resulta o Neoconcretismo.

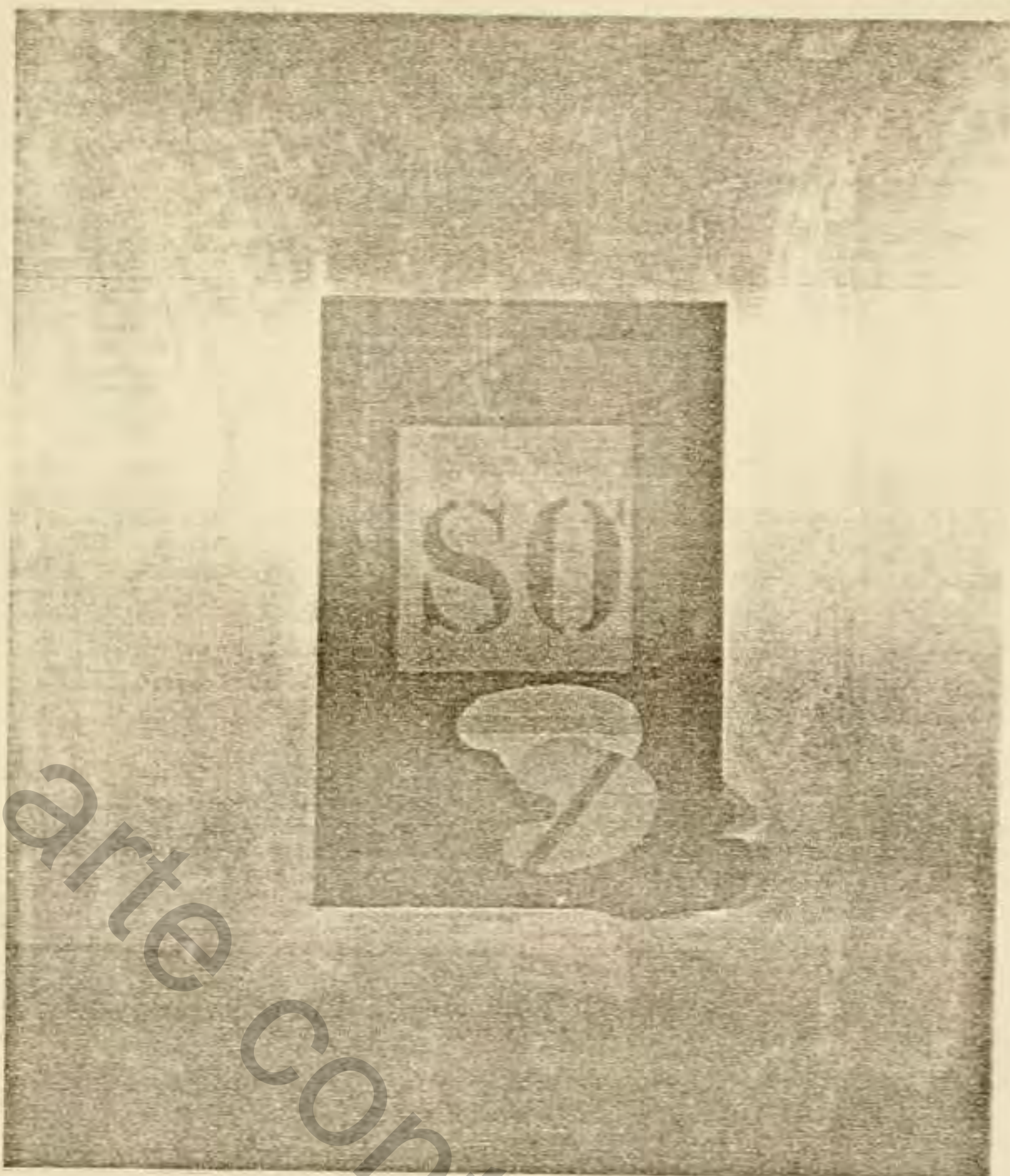
3.25.5.1 Hélio Oiticica, pintor brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro em 1937 e aí morreu em 1980. Estudou pintura com Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1954). Em 1959 ligou-se ao movimento neoconcreto, participando de suas exposições em Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Apresentou obras nas IV, V e VIII bienais paulistas, e na I Bienal de Artes Aplicadas (1966) teve prêmio especial de pesquisa. Integrou todos os movimentos vanguardistas de arte, já não mais com quadros, mas com 'apropriações ambientais', nome que deu a construções — ou simplesmente a disposição de materiais — que levam o espectador a experiências como pisar descalço na areia, manipular pós coloridos etc.

3.25.6 Essa cisão se anuncia desde a I Exposição Nacional de Arte Concreta, no Rio de Janeiro, em 1957. De um lado, o grupo paulista, com um conceito de pura visualidade da forma reduzida a fato físico de caráter não alusivo; do outro, em especial nos trabalhos de Ligia Clark e de Oiticica, a tendência a anular a exacerbação racionalista e a ver a obra de arte como *máquina* ou *objeto*, para aproximá-la de uma "noção orgânica", embora mantendo-se no âmbito da arte não figurativa geométrica.

3.25.6.1 A cisão se pronuncia e a I Exposição Neoconcreta se realiza no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1959. Dela participam Gullar — teórico principal do movimento — e os poetas Reinaldo Jardim e Theon Spanudis; os escultores Weissmann e Amílcar de Castro, a pintora Ligia Clark e a gravadora Ligia Pape. Um manifesto acompanha o catálogo da mostra, publicado também no *Suplemento Domical do Jornal do Brasil*, que, entre 1957 e 1961, atua como porta-voz e difusor das pesquisas mais novas no campo das artes em geral, no Brasil e no estrangeiro.

3.25.7 Insista-se na referência a Ligia Clark e Hélio Oiticica. A primeira — vinda da atividade no Grupo Frente, no Rio de Janeiro, no período de 1954 a 1956 — desenvolve em seguida uma série de trabalhos em que, apesar de manter-se na área da pintura, busca romper os limites da tradição pictórica não figurativa, situando-se para além do espaço de representação; datam dessa época as "Su-

"Corpo nu", de Ivan Serpa
Col. part. Rio



René Raut "Só", de Rubens Gerchman. (Col. Gilberto Chateaubriand, Rio.)

perfícies moduladas" e os "Contra-relevos". Dedica-se, então, a uma nova série de trabalhos, peças com chapas metálicas móveis, articuladas por dobradiças, às quais deu o nome metafórico de 'bichos', exibidos pela primeira vez em 1960; através dessas esculturas propunha-se pioneiramente no Brasil a participação do espectador na feitura nunca finalizada da obra.

3.25.8 Hélio Oiticica vinha também pesquisando o rompimento com a superfície bidimensional do quadro e trabalhando a redução do campo cromático apenas ao branco, em variações de textura e intensidade. Fundindo esses dois rumos, produziu seus "Relevos espaciais", "Monocromias" e "Núcleos", aos quais acrescenta em 1961, já no Neoconcretismo, o "Projeto cães de cara", integrando ambientalmente seus "Feneceveres" e trabalhos de outros artistas do grupo.

3.25.9 Em 1960 ocorre a publicação da *Teoria do não-objeto*, de Gullar, e a realização de nova mostra do movimento neoconcreto, no Rio de Janeiro: Oiticica, Aluisio Carvão, Décio Vieira (Petrópolis RJ 1922-), Omar Dillon (Belém PA 1930-), Roberto Pontual (Recife PE 1939-), Hércules Barsotti (São Paulo 1914-) e Willys de Castro (Uberlândia MG 1926-) — estes dois de São Paulo, reúnem-se aos primeiros artistas citados, signatários do manifesto de 1959. Mas, com uma nova mostra, em 1961, o Neoconcretismo encerra suas atividades coletivas, no mesmo momento em que o Concretismo também enfrentava crise. No âmbito propriamente visual, cabe destacar, da contribuição neoconcreta, os "Objetos-ativos", de Willys de Castro, o "Livro da criação", de Ligia Pape, e os "Não-objetos verbais", de Gullar e Dillon.

3.26 De 1960 a 1980. O período de início da década de 1960 até os dias de hoje é de intensa pesquisa nas artes visuais brasileiras, pelo entrelaçamento de tendências e pela conquista da expressão em cada setor. Atravessa-as inquietude que se supõe caminho para a maturação.

3.26.0.1 No Extranacional, com reflexos diretos sobre o país, essa década foi — depois de longo exercício da abstração — de retomada da ambiência dadaísta do início do século, com incursões no campo do Surrealismo (que passa à condição de moeda fundamental no fim da década, como desestruturador da anestesia do cotidiano).

3.26.1 Desde meados da década de 1950 começavam a surgir sintomas de modificações no panorama da arte: objetos e assemblages, com recurso ao *happening*, renunciavam a ideia da morte da arte, para transformá-la em vida (denúncia que fora o cerne das atividades e produções de dadaístas como Duchamp, Schwitters, Picabia e Man Ray). Emergia nos E.U.A. e na Inglaterra o *pop-art*, redimensionando neodadaísticamente a fluidez e subjetividade ou objetividade do Abstracionismo, abrindo as comportas para uma onda de experimentos com a expressão e os materiais, sem os impedimentos de fórmulas adquiridas, categorias fechadas e limitações temáticas.

3.26.2 A abertura dessas comportas é a chave para entender o que vem ocorrendo em arte nos últimos dez ou quinze anos. Representa, em princípio, a necessidade de pôr criticamente a iconografia da civilização contemporânea ocidental a serviço dos processos de comunicação de massa (fotografia, cartaz, documentação publicitária,

televisão, história-em-quadrinhos etc.), que a consolidem. O sentido de apreensão da realidade, por muitos artistas do *pop art*, quer ser o de denúncia da alienação do homem na sociedade de consumo. Isso vem engendrando novas fórmulas, sempre mais violentas e radicais, de contestação da própria arte e do mundo que a produz, numa sequência de proposta de anti e contra-arte, as quais começam a acrescentar-se agora, como novo sinal, as de uma *arte total*, em que vida e arte não constituem polaridades, mas síntese redefinidora de tudo.

3.26.3 O divisor de águas entre Concretismo e Neoconcretismo, com que se inicia a década brasileira de 1960, é básico para o entendimento dos passos subsequentes. Do Concretismo, cujo núcleo principal permaneceu atuante em São Paulo, surgem as propostas no campo do *up art* e da arte cinética, a visualidade acionada com rigor construtivo matemático. Em fins de 1963, a Associação de Artes Visuais Novas Tendências realiza sua primeira mostra coletiva na capital paulista, reunindo trabalhos de Aliberti, Volpi, Fiaminghi, Judith Lauand (Pontal SP 1922-), Fejer, Charous, Saciloto, Mona Gorovitz (Cruz Alta RS 1937-), Nogueira Lima e Valdemar Cordeiro.

3.26.4 Notava-se nela o aproveitamento, em termos ópticos, de novos materiais da produção industrial contemporânea, como o aço inoxidável, o plexiglás, películas sensíveis à cor, poliéster, acrílico, latão polido, alumínio, espelho. Cordeiro, inclusive, propunha nessa mesma mostra uma estrutura aleatória de prismas móveis de espelho, mencionando-a como "obra multiplicável" — de

certo a primeira referência, na historiografia artística brasileira, a essa vertente de contestação da obra única, que mais recentemente se desdobra com os múltiplos de Roberto Moriconi (Perugia, Itália 1932-), Amélia Toledo (São Paulo SP 1926-), Yutaka Toyota (Yamagata, Japão 1931-), Paulo Roberto Leal (Rio de Janeiro RJ 1946-), Rubens Gerchman, Osmar Dillon e Nelson Leirner. Também Barsotti seguiria a linhagem óptica, substituindo a oposição preto/branco de fases anteriores por uma modulação com variedades de escala cromática.

3.26.4.1 Rubens Gerchman, pintor brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro RJ em 1942. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas-Artes (1959-1962). No XVI Salão Nacional de Arte Moderna (1967) recebeu prêmio de viagem ao estrangeiro. Na I Bienal Nacional de Artes Plásticas (Salvador BA), obteve prêmio especial de pesquisa. Integrou diversas mostras coletivas de artistas brasileiros de vanguarda. Em 1968 fixou-se nos E.U.A. Um dos introdutores do *pop art* no Brasil, sua preocupação centraliza-se no conteúdo social. Teve sucesso, em 1980, sua série "Registro policial", exposta no Rio de Janeiro.

3.26.4.2 Nelson Leirner, pintor brasileiro, nasceu em São Paulo SP em 1932. Filho da escultora Felícia Leirner, estudou com Samson Flexor e começou a expor em 1958, quando recebeu medalha de bronze no Salão Paulista de Arte Moderna. Além de participar de diversas coletivas de artistas nacionais, como a mostra Nova Objetividade, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1967), apresentou-se individualmente em diversos Esta-



"Pintura 28", de Rubem Valentim. Coleção Giovanna Bonino, Rio.

dos e em Buenos Aires. Foi premiado na IX Bienal de Tóquio (1967). Seus trabalhos solicitam a participação do espectador, através de artifícios mecânicos.

3.26.5 Não há esquecer, afastados de grupos, o trabalho de quatro artistas que se situam ou se situaram nos limites da problemática da arte geométrica: Milton Dacosta, Maria Leontina (São Paulo SP 1917-), Volpi e Rubem Valentim. Pertencendo à chamada "terceira geração modernista", Dacosta manteve durante muitos anos tendência à simplificação geometrante da figura, que o levou, em meados da década de 1950, a tocar um abstracionismo geométrico puro ou apenas levemente analógico, hoje de novo substituído pela barroca figuração de mulheres e anjos. Maria Leontina tem seguido por um caminho de abstração que continua a relacionar-se alusivamente com a realidade exterior ao quadro, aproximando-se de Miró e Klee, como também ocorre com Tomás Lanelli (São Paulo SP 1932-), em plano de montagem.

3.26.5.1 Rubem Valentim, pintor brasileiro, nasceu em Salvador BA em 1922. Iniciou-se em pintura, como autodidata, em 1948. Em 1951 fixou-se no Rio de Janeiro, e participou do Salão Nacional de Arte Moderna, no qual, em 1962, obteve prêmio de viagem ao exterior. Participou também das bienais paulistas, entre 1953 e 1967, e do I Festival Internacional de Artes Negras (Dakar, 1966). Sua pintura, primitiva nos símbolos, não lembra os dotrinalistas negros da Bahia, evoluiu para o relevo, através da aplicação de formas ou módulos de madeira, sobre uma superfície também de madeira.

3.26.6 A obra de Volpi, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, constitui caso especial de diálogo entre o figurativo e o abstrato. Após começo explicitamente figurativo, com paisagens e temas sacros tratados segundo o autodidatismo de quem se iniciara como pintor de painéis decorativos, ele se dedica a uma síntese de abstração geométrica, mais ou menos rigorosa, de seus temas — fachadas de casas, bandeirinhas de festejos juninos —, próximo inclusive do Concretismo, sem abandonar por completo a referência a esses mesmos temas, pertencentes também ao mundo exterior a cada quadro.

3.26.7 Nesse sentido, situa-se igualmente a pintura — e agora os relevos e objetos — de Rubem Valentim, sintetizando geometricamente os elementos visuais dos cultos afro-brasileiros, bem como parte da obra mais recente de Scliar. Na

Escultura em madeira de Frans Krajcberg, (Col. Gilberto Chateaubriand, Rio.)

René Roubé

